

# Eufeme

magazine de poesia



n.º 2

janeiro/março 2017

# Eufeme

magazine de poesia



## Prelúdio

a Certeza sentou-se por aqui  
com a Continuidade, e juntas  
prometem-se uma à outra  
que ao longo de folhas unidas  
esperam que a Confirmação se junte  
e que uma doença poética se instale por si  
e para sempre nas mentes duras  
e vejam finalmente as palavras  
verdadeiras...

*Sérgio Ninguém*  
(22-12-2016)





um poema de

## Amadeu Baptista

Nasceu no Porto, a 6 de Maio de 1953. Publicou o seu primeiro livro, *As Passagens Secretas*, em 1982. Dos mais de trinta livros de poesia publicados entretanto destaca: *Poemas de Caravaggio*, Prémio Nacional de Poesia Natércia Freire, 2007 e Prémio Literário João Lúcio, 2008; *Açougue*, Prémio Espiral Maior, Espanha, 2008 e *Um Pouco Acima da Miséria*. Prémio de Poesia Cidade de Ourense, Espanha, 2013. Colaboração dispersa em jornais, revistas, livros colectivos e antologias nos seguintes países: Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, E.U.A., Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Luxemburgo, México, Portugal, Roménia e Uruguai. Alguns dos seus poemas foram traduzidos para alemão, castelhano, catalão, croata, francês, hebraico, inglês, italiano e romeno. É tradutor de poetas espanhóis, gregos e escandinavos.

## LUDWIG VAN BEETHOVEN, ÚLTIMA FUGA

Vejo-me ao espelho, o mundo não é esta  
multidão de objectos à minha frente, a maçã  
pousada no peitoril da janela, as cascas  
de ovos espalhadas pelo chão, este rosto  
que a rebeldia vai envelhecendo  
enquanto a voz de Deus me atinge  
para que tudo seja música e silêncio.  
O que vejo não é mais do que uma selva,  
o meu cérebro fervilha e sei como me apraz a solidão,  
estes passos pelo quarto medidos em fusas  
e colcheias, que me levam para além  
da surdez, para além do enigma  
que cada coisa tem no indizível plano  
a que pertença. Viena a esta hora  
é só desolação, abro a janela e o espelho da noite  
dá-me a ver os cães e os lobos que me cercam,  
uma brancura a perder de vista em cada árvore,  
em cada rua, em cada cripta. Por mim  
componho o que é possível pressentir  
da alegria, a ferros é que arranco do universo  
esplêndidas sinfonias, incêndios  
formidáveis, um rastro de luz que me arrebatava  
o coração para que tudo o que faça  
seja mais divino. Gela-me e aquece o meu sangue

o desassombro, enregela e escalda a música de que vivo,  
certo de que a morte não me apavorará,  
nem por ela serei colhido de surpresa, assim que venha.  
Se há coisa que é imortal, se entendo  
o que seja a imortalidade, direi que não mais será  
do que quanto se amplia no rastro das orquestras  
e eu ajusto nas intermitências que chegam  
ao meu ouvido pelos sinuosos arrebatamentos  
que desafio. Sei que sou uma ponte, o que  
a treva procura, o que não reza nunca  
mas prolonga as orações para que a beleza irradie  
e intensifique o espírito dos que erram  
e possa haver um sentido em tudo à minha volta,  
não mais do que o sentido de estar perante Deus  
a ouvir sortilégios e a entrega-los  
a quem mais nada pode que sofrer.  
O tempo é um equívoco, o mais próximo  
que encontro de um espelho, no peitoril  
da janela e no chão, maçãs e cascas  
de ovos que lá estejam, mais não são  
do que as minhas obsessões, a procura  
de uma vizinhança com as coisas  
que derrubem as fronteiras, me aproximem  
dos outros, por áridos que os veja,  
por mais ou menos valia que possuam.  
Sobre o silêncio sei que tudo escuto, velas que ardem,  
buganvílias brancas, pedras que se levantam  
como se estrelas fossem, anjos que parecem

camponeses, mulheres de branco que mais não são  
que anjos, homens que dançam à roda das fogueiras  
para que o louvor seja um triunfo e o coral  
não mais do que a força que reprime a dor  
e a vence para sempre. Alegria, alegria,  
alegria – repito para mim mesmo.

E os meus tímpanos faíscam, estou surdo  
e ouço o ar que atravessa os ossos,  
enquanto leio nos lábios de Anne Holtz  
a formidável transformação do mundo  
e os sons circulam pela pauta, pelo meu  
crânio, pelos confins de mim mesmo,  
pela erva segada que a meus pés se amontoa,  
pelo pouco que me vale a corneta acústica  
que me assiste. Alegria, alegria, alegria –  
exalto-te como quem exalta a liberdade,  
como quem sabe o que dói em cada transe,  
cada achaque, cada depressão, cada exílio  
de que usufruo no desespero de não ouvir  
o canto do pastor, o longínquo som da flauta,  
o ramalhar das árvores, o ruído dos passos  
na neve que a cada instante cai, em Bona,  
em Viena, no universo. Ao longe passa  
um bando de cavalos, a catedral destaca-se  
no infinito azul, a tremulina recorta  
os bons e os maus, esses que Schiller  
canta e são meus irmãos de graça  
e de desgraça. A alegria expande-se,



crepita na alegadas doenças que me matam,  
cirrose hepática, sífilis, congestão  
dos centros auditivos, o que seja  
que lentamente me envenena, os desgostos  
que a vida conglopera, as venais ilusões  
de um homem como eu, genial e indómito,  
sozinho para sempre e para sempre  
acompanhado de *lieds*, de sonatas, de concertos.  
Vejo-me ao espelho, o mundo não é senão  
essa transfiguração que reproduzo, sou leal  
a mim mesmo e a mim mesmo traio,  
o pesadelo é, apesar de tudo, poder compor  
o sonho – a maçã, de vermelha que foi,  
volta a reverdecer, as dispersas  
cascas reúnem-se para que voltem a ser  
o ovo que já foram, mas sempre diferente,  
sempre discrepante da antiga ressonância  
que revigora o passado, o presente e o futuro,  
o poder da música que ainda não está escrita  
e há-de pôr este quarto a arder de novo.  
Amanhece, entre a janela e o espelho  
não tenho escolha, os gatos ronronam  
na proximidade do lume, lambem as crias,  
perseguem-me as dívidas e busco o infinito,  
os habitantes de Viena são figuras pungentes,  
quanto mais o *föhn* sopra mais os põe resignados,  
o arquiduque, os clérigos, a aristocracia  
deslavada, o povo que mais não pode ser mais

do que povo, defectivo, risível, irrisório,  
o estalajadeiro Krenski que serve carpa  
sempre com espinhas, o senhorio preocupado  
com o barulho, as vivandeiras que aguardam  
o lucro da guerra, esta vida de fel  
e de doçura que faz de mim quem sou,  
não sei bem se renegado, se implacável  
na dissolução que nunca acaba.  
Abro a janela, sinto-me bem a abri-la  
e a ser tocado pelo frio, aspiro a um mundo  
em que só haja janelas para abrir  
e para fechar, acurado por elas  
talvez os meus ouvidos se abram e possa  
Deus entrar em mim ainda com mais força,  
a empolgar-me o espírito até à exaustão.  
A nada me sujeito, mas à música e ao divino  
devo tudo, as oportunas fendas do sagrado  
a que acedo para o êxtase, as vértebras  
dos dias, o rosto das crianças, a luz,  
a memória, a imponência. Abro a janela  
e vejo Anne Holtz a atravessar o pátio,  
o chão fumega, a claridade vem com ela,  
não é fácil encontrar a magnificência  
entre os meus semelhantes, mas esta mulher  
tem um puro temor nos olhos, apazigua-me  
o seu sorriso embaraçado, como que a medo  
progride pela névoa, lembra-me Elise, Julieta,  
Teresa, Bettina, os amores que me tresmalhou

a vida, talvez por ser irascível e agreste  
pela paixão de compor com as entranhas,  
todas elas distantes desta mulher cândida  
e singular, esta estrela de Deus que me ilumina.  
Sinto a vibração dos seus passos na escada,  
chegou para acender o fogão, despejar o bacio,  
fazer cópias das minhas partituras e, sem que o saiba,  
velar o meu sono e a minha morte, humilde  
amante a quem jamais me declararei. A alba já se foi,  
ignoro o que me trará esta manhã sombria,  
permaneço entre a janela e o espelho,  
alguém segura a minha mão, a beleza, Deus,  
o que seja, a música a que tenho que voltar,  
a morte que pressinto e que me ronda  
e eu enfrentarei com os olhos bem abertos.  
Alegria, alegria, alegria. Nenhuma tonalidade,  
*molto adagio, sotto voce*, primeiro violino,  
semi-mínimas, do dó central até ao lá.  
Compasso. Manhã inicial e derradeira  
manhã – acção de graças!





cinco poemas de

## Aram Saroyan

Nascido em 1943, Aram Saroyan é um poeta americano que tem também dispersado a sua actividade por outras áreas: Romancista, biógrafo, dramaturgo...

Da sua obra poética sobressai o volume "*Complete minimal poems*", onde surgem o famoso **m** com quatro pernas, considerado pelo *Guinness Book of Records* como o poema mais pequeno do mundo,



Aram Saroyan (1965-66)  
A poster-poem

e o poema **light**, de que uma tradução possível seria **luzezes**.

tradução de

## Francisco José Craveiro de Carvalho

Francisco José Craveiro de Carvalho nasceu em 1950. Foi matemático, escreve poesia e traduz. Entre os poetas que traduziu estão Neil Curry, Jane Hirshfield, David Lehman & Aram Saroyan.

## PARIS

1

F. Scott Fitzgerald needed a mentor  
which is how I fit into the picture.

2

Picasso was silent  
when I pointed out  
that Cubism was a misstep.

3

As a teenager  
Gertrude Stein preferred  
the opera to theater.

4

Dora Mar was a beautiful woman  
who couldn't get over Picasso.

5

The apartment was the size  
of a postage stamp.  
We took it immediately and  
left after 36 days, breaking the lease,  
to return to Kentucky.

## PARIS

1

F. Scott Fitzgerald precisava de um mentor  
que é como eu apareço no retrato.

2

Picasso ficou calado  
quando chamei a atenção  
para o Cubismo ser um passo em falso.

3

Enquanto adolescente  
Gertrude Stein preferia  
a ópera ao teatro.

4

Dora Maar era uma mulher linda  
que não conseguia esquecer Picasso.

5

O apartamento era do tamanho  
de um selo de correio.  
Arrendámo-lo logo e  
saímos 36 dias mais tarde, rescindindo o contrato,  
para regressar ao Kentucky.

8/12/09

I was reading  
a movie review  
in The New Yorker  
when the phone rang.

My whole family is dead,  
the people I come from –  
mostly egomaniacs,  
narcissists.

The valley is hotter, of course,  
than over by the beach.

Being with a movie star  
is very exciting but  
not when you're 65.

It was somebody talking  
to somebody  
then a dial tone.



12/8/09

Estava a ler  
uma crítica de cinema  
no *The New Yorker*  
quando o telefone tocou.

A minha família já morreu toda,  
as pessoas de onde venho –  
na maioria egocêntricos,  
narcisistas.

O vale é mais quente, naturalmente,  
do que junto à praia.

Estar com uma estrela de cinema  
é muito empolgante mas  
não quando se têm 65 anos.

Era uma pessoa a falar  
com outra  
e o sinal de marcação a seguir.

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



cinco poemas de

## **Eduardo Bettencourt Pinto**

Eduardo Bettencourt Pinto nasceu na Gabela, Angola, em 1954. Viveu em Luanda até 1975. Teve residência temporária no Zimbabué, radicando-se em Portugal (Açores) de 1976 a 1983, altura em que decidiu ir viver para o Canadá. Escreveu vários livros de poesia e ficção. Está traduzido em algumas línguas e representado em várias antologias em Angola, Portugal, Brasil, Itália, Cuba, Canadá, Estados Unidos e Letónia.

## A VIÚVA DA ÁGUA

O sol canta como a chuva de julho nas folhas de uma palmeira.  
Altas nuvens no céu, cintilantes; breves estátuas  
de bronze em movimento, quero dizer, abraçadas ao vento  
do sul.

Sou desta torrente de luz que alcança o esplendor  
junto à costa.  
A tarde cai com as suas ruínas mais antigas.  
As lentas pernas do crepúsculo, entorpecidas e rubras,  
arrastam-se pelo horizonte.

Sento-me junto às gaivotas.  
Tenho um barco sem viagens nos acordes  
da minha guitarra.

Um olhar enevoado constrói o silêncio,  
atira-me a pérola  
de uma lágrima por trás da janela.  
Despe o meu coração.  
Sem palavras, esquecida entre grossas cortinas de sombra,  
a mulher vê em mim o dia que finda.

Não sou o mensageiro do mar – só trago o rumor  
de pulseiras de água.

Como ela, também habito a vazia casa do mundo.

## VINHO

Água do ar, vento e sol.  
Água do verão nas mãos  
da claridade;

rumor da terra no sabor da essência,  
tão húmida vertigem  
dos sentidos.

Traz, copo a copo,  
o inebriante lume da água.

## PERCURSO

Fecha a janela quando setembro amanhece.  
Deixa que essas rosas sejam ainda o verão, os passos na tarde,  
o azul mais limpo da tua idade.  
Não há fulgor mais branco do que a ternura dessas pétalas,  
o mundo que fechaste por trás dos vidros.  
Ama para seres livre.

## OFÍCIO DE PROCURA – RETRATO DE BORGES

É uma figura de penumbra, curvada  
sob o peso da luz. As manhãs são velas acesas  
no canto dos seus olhos.

Da janela que abre para a memória observa  
um cavalo de sombras amarrado ao jacarandá.

Volta, arrastando os pés,  
à antiga secretária de mogno onde gravitam, entre papéis velhos,  
palavras desarrumadas. Parece, entre altas estantes de livros,  
uma frágil estátua de fumo e pó.

Coleccionou versos a vida inteira entre esqueletos metafóricos,  
entre sonhos nas longas noites dos seus dias, os óculos  
embaciados pela névoa que lhe cobre os olhos.

Pela tarde vai ao café amparado ao braço de María.

Bebe chá amargo com disciplina anglo-saxónica,  
lentamente, enquanto desfolha o jornal  
para ouvir o rumor das folhas entre os dedos.

Regressa a casa sem ter saído de si mesmo.

Chove nos seus passos de bibliotecário,  
pelas ruas da sua melancolia. A voz branca  
de María é uma pomba que lhe agita os sentidos.

Antes de entrar em casa e sacudir o guarda-chuva,  
volta o pescoço e deixa o seu olhar vazio correr  
a rua que não vê.

A sua voz de metal abre a porta  
a um novo labirinto de sombras.

Segue o cheiro dos cabelos de María  
pela casa adentro.

Todo o seu corpo treme com a visão austera  
de uma lembrança.

Um corpo nu? A magnífica curva  
de um seio?

O homem que foi perante tudo isto?

Como num poema inacabado,  
afunda-se na casa num declínio solitário  
que se vai apagando no chão  
sob o peso do seu corpo.



conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



quatro exercícios poéticos de

**Eduardo Quina**

“O tempo e os espaços habitados tornaram-me professor. De Filosofia.

Às vezes, escrevo.

Quanto ao resto? Não é o mais importante.”

## [COMEÇAR A MORRER]

*“abraça-me com força  
agora que vou morrer”  
Manuel de Freitas*

### 1.

O teu olhar vivia dentro de uma agonia. Transparente e longínqua sobrevivias no espaço esquadrejado da memória.

A manhã fria permitia que ficasses mais algum tempo deitada. É domingo e o corpo sucumbe dentro da preguiça. Até que, violentamente, irrompe uma palavra. É assim que começa o pensamento. A linguagem na sua ascese meteórica. A palavra para a criação. O sentido outro do mesmo.

A eternidade inacabada é agora consumida por seres minúsculos. Contabilizas os gestos e atravessas com dificuldade o quarto e a sala. Na cozinha o controlo passa a ser exercido pelas pragas e nada de comestível sobreviveu a este pequeno holocausto.

Sais para um outro espaço e sentes-te também ameaçada. Não sabes porquê.

A cidade foi tomada de assalto. Os bancos estão a saque. Carros incendiados incandesciam o dia. O silêncio sobrevive apenas nos intervalos dos gritos. Pressentes a merda na boca e sabes que o teu corpo está a preço de saldo.

Desconheces, no entanto, as artimanhas desta contabilidade. Atravessas a praça e entras no imaginário de um outro país. Um país onde a morte espreita não através da violência, mas através da palavra.

## 2.

Abres a porta para que os animais se apoderem da casa. Multiplicam-se nos seus corpos e constroem insuspeitadamente todas as confidências. Nas suas patas sombrias todos os gestos são meticulosos.

Na ardósia, de forma vagarosa, é tecido o destino da hibernação. Os animais antropomórficos enraízam os tecidos corpóreos na água gelada. Depois, atravessando o inverno a transformação dolorosa do finamento.

Estação de destinos simples e a incerteza do processo. Transformação para a deformação.

Depois a manhã de dias felizes e tu no incerto percurso da infância. Respiras dentro da humidade. Os dedos entreabertos tateiam a sombra. Os animais furtivos ramificam-se pela cidade. Catástrofe de ruídos luminosos.

Alguém controla o abate. Aprendizagem de um homem só.

Lentamente os detritos apoderam-se da pólis. Súbita derrocada ou iniciação plena do caos. Palavras em forma de lixo e um deus que se aproxima na sua transparência ou sinónimo de uma voz sem rosto.

Aqui os mortos não têm nome, apenas um número.

### 3.

Permaneces nessa espera. Bastardo de um deus asfixiado. Amável ruína ou uma explicação provisória. Pedra ou ódio indecifrável no teu rosto de indiferença. Estás só. Cobardemente só.

Manténs-te imóvel para não acordares. O corpo enroscado sobre si próprio simula o casulo do ventre que preferias ter conservado. Vagarosamente, gesticulas a tua própria ausência e escutas-te numa passagem ontológica.

Resíduos de violência e palavras verbalmente impuras. Uma espécie de deserto ou medo de si mesmo.

A procura de uma palavra. Matar ou morrer por uma palavra. Uma inevitabilidade, mesmo que inventada.

A doença lança a desconfiança. A voz como sinónimo insuspeito de uma brutalidade iniciática. A boca respira como forma de subtracção da morte. A boca dentro da boca como exercício extremo.

A tua morte era uma coisa estranha. Uma ineludível obsessão ou dialéctica ascendente do silêncio.

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



um poema de

## Filipa Leal

Filipa Leal é poeta, jornalista e argumentista. Formada em Jornalismo pela Universidade de Westminster, em Londres, fez o Mestrado em Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade do Porto.

Publica desde 2003. O seu mais recente livro é "VEM À QUINTA-FEIRA" (ed. Assírio & Alvim, 2016). Parte da sua obra está traduzida em Espanha, na Colômbia, em Itália ou na Venezuela.

Recebeu o Prémio de Melhor Guião no Festival de Cinema do Chipre pelo filme Jogo de Damas, de Patrícia Sequeira.

Actualmente, colabora no programa Literatura Aqui, RTP2, e assina a série Mulheres Assim, de que é autora e argumentista, em exibição na RTP1.

## CASA-MUSEU

*com Oleg Karavaichuk*

*(depois do filme “Oleg y las raras artes”, de Andrés Duque)*

A casa era estúpida e excessiva.  
Não era sequer uma casa, mas lugar apenas  
atravessado de corredores e retratos mortos,  
cheia de gente desaparecida habitando-a  
sem largar a tentativa. A casa era árvore  
decepada, ainda assim com ramos até à fossa,  
até à fundação, até debaixo das camas desertas  
de nunca ter havido amor. Era uma espécie  
de prisão apalaçada querendo ser divina;  
se desse música, daria Bach, mas não dava.  
A casa era um quase bordel da política,  
o espalhafato de tudo o que calou com o tempo.  
Deslumbrado com o rigor da casa, com a sua  
habilidade histórica, com o seu passado  
apetrechado de obras raras, o músico,  
que era o último habitante da possibilidade  
de a casa ainda ser casa, tocou  
o último piano. E enlouqueceu.

*(inédito, 2016)*





quatro poemas de

## **Francisco Cardo**

Francisco Cardo é o pseudónimo literário de António Margalha. O Autor nasceu em 1956 em Reguengos de Monsaraz. Apesar de a escrita poética o ter acompanhado ao longo do tempo, só em 2014 publicou os seus primeiros poemas.

Tem colaboração dispersa por vários jornais e revistas literárias tais como “A Batalha” a “A Ideia” a “Flauta de Luz” a “Letra a Letra” a “Piolho” e a “DiVersos”.

Estreia-se agora nesta “Eufeme” a quem deseja longa vida.

## CULTO

No ateu altar da liberdade  
troca-se o efeito pelo sermão

Podemos adorá-la à vontade  
mas sermos livres é que não.

## .CONTRADIÇÃO

De renúncia em renúncia chego ao nada purificador  
alforge de sustento que me alivia e mantém de pé  
e só assim me afirmo afanosamente livre no meu labor  
tão firme como a própria montanha em seu sopé.

## INTROSPECÇÃO

O conhecimento que tenho de mim  
é um alerta em letargia impaciente  
grito de alma dor tão vaga assim  
esta lucidez num fingimento permanente

Que vazio este vão contentamento  
do meu peito num eterno labirinto  
se amo se odeio qual o sentimento  
que me define naquilo que não sinto

Inútil é mesmo procurar uma certeza  
caminhos ou destinos de chegada  
pois só partir é trazer a vida acesa  
de encontro ao infinito à alvorada

Quem se procura que trilho leva  
que rastos deixa no tempo que passa  
se me perco que luz é esta treva  
que me intimida rasga e devassa

Conhecer-me é uma mordaz obsessão  
desvario que me alucina em desamor  
que um ser é apenas uma boa ocasião  
para a vida encenar um mau actor.

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



um poema de

## João Rasteiro

**João Rasteiro** (Ameal – Coimbra), poeta, ensaísta e tradutor. Licenciado em *Estudos Portugueses e Lusófonos* pela FLUC/U.C. Publicou poemas em revistas e antologias em Portugal, Brasil, Itália, Espanha, Finlândia, República Checa, Moçambique, México, Colômbia, Honduras, Chile e Japão. Obteve vários prémios, nomeadamente o *Prémio Literário Manuel António Pina* (Guarda/Assírio & Alvim, 2010). Em 2012 foi um dos finalistas do Prémio Portugal Telecom de Literatura. Publicou uma dúzia de livros, sendo os últimos: “*acrónimo*” (Edições Sem Nome, 2015), “*O gosto solitário do orvalho*” (Temas Originais, “série mínima”, 2016) e “*Ruídos e Motins*” (Palimage, 2016). Integrou várias antologias de poesia, mormente, “*Corté la naranja en dos*”, (México) com compilação e tradução de Fernando Reyes (Universidade Nacional Autónoma do México). Em 2016 integrou a antologia de contos, “*O País Invisível*”, seleccionados e editados pelo *Centro Mário Cláudio*. Em 2017 será editada em Espanha pela *Ed. Amargod*, a antologia de poesia portuguesa contemporânea por si organizada, intitulada, “*Cá nesta Babilónia*”. Prepara-se para editar, com ilustrações de Maria Clara Maia, o livro juvenil “*O livro e o sapo*” (Doninha Ternurenta) e a antologia da sua poesia: “*Evangelho segundo João (2000-2016)*”.

## BRANCO &amp; PRETO

O corpo possui uma mulher dentro de si acoitada junto ao coração, e o que se ocultará primeiro nem sequer será a mulher ou o coração, na obscuridade da compaixão ou na felícia da noite serão as aves que voavam o seu céu, umas aves com cores estranhas pelas quais se poderia imaginar o horizonte. É verdadeiramente admirável que do teu pedaço de história ainda me sorris como se aqui estivesses, como se te atasses em mim.

Como é mais fácil não ouvir as coisas  
que trazem a opressão dos ossos  
e o reflexo da tarde no futuro que sibila,  
há visitas assim. Enquanto me sorris,  
mãe, circunscrevo-me pleno a um olhar  
e não volto a perguntar-te quem sou.  
Um teu igual, esmaga-me os ouvidos:

*– Enfermeiro, enfermeiro, você conhece  
o indicativo de Lourenço Marques, conhece?  
Preciso falar urgentemente com o meu filho  
para a escola João Belo, conhece... ouviu?*

Mas eu faço-me surdo. Contra mim surdo  
da vida de um lar em tarde domingueira.  
Corpos e vidas imóveis de muito descurar,  
se pelo menos no infiel estrondo do silêncio  
eu ainda lograsse soldar a cor do tímpano?

\*

O corpo é a infinita planície das cinzas onde as mães largam o coração e partem para outra casa, resignadas ao murchar da flor, sem a beleza antiga, e o rosto sem o último clamor do tempo. Corpo inóspito que alastras incomensuravelmente, as tuas díspares texturas de areada voz e de rochosa memória da alegria são a vocação ténue dos teus tristes olhos. A estiagem da fonte buscando perdurar numa ausência sem tréguas nem pausas.

Colocam nos dias a derradeira recordação,  
a última orla sobre o corpo do mundo  
desfolhado – modo breve de ser alguém  
dentro do escuro: ó coisa tão elementar  
como ter rosto entre o nome e a etiqueta.

Mas, talvez seja de eu esperar calmamente  
que entorpeças. E, a ausência, contudo,  
prolonga-se no fogo deste Verão. Ris, rosa  
que a secura, inteira, mata na distância  
da tarde. Guardo a factura da mensalidade

e despeço-me de ti com um beijo. E penso:  
ó mãe “vem sentar-te comigo à beira-rio”.



um poema de

## **Jorge Batista de Figueiredo**

Jorge Batista de Figueiredo é o heterónimo de José António Santos, músico, professor e escritor, divide a sua atividade pela musica, escrita e docência. Enquanto musico foi premiado pela Juventude Musical Portuguesa e Premio Jovens Musicos. Tocou e gravou com Dulce Pontes, Ala dos Namorados, Rui Veloso, Bernardo Sasseti, Nelly Furtado, Michael Nyman entre outros. Enquanto escritor, tem três obras editadas pela Chiado Editora: Poesia Opus 1; Da Arte em Geral e Contos da Tuguêsia. Tem colaborado também nas edições de antologia poética: Entre o Sonho e o Sono, também através da Chiado Editora.



## LIÇÕES DE DESPERTAR E AMAR

O amor nos escolhe no espectro de nossa existência  
Se em nossa essência prevalece também a alma pura  
Para nós ocorre imarcescível uma espécie de cura  
Em uma síntese cósmica de candura e ternura de criança  
Onde o firmamento alcança reverberando a sua onírica dança

Brilha por entre as estepes e os desertos da incompreensão  
Revelação da génese e intenção do mundo, da paixão e sua elação  
Igualmente letal e poderosa, intenso frenético na sua relação  
No despertar remetidos somos a consubstanciação acerca do amar

Se detêm e fica, e se sente no amago o alento alívio de acreditar  
E do poder absoluto que detêm os Anjos acerca da arte de perdoar  
Que em reencontro ancestral e familiar, emerge para integralmente  
ficar]

Sentir o amor e dizer que a alma se encontra iluminada e em linha  
E vivendo o transcendental real facto de que eu sou teu e tu és minha  
Desenhando finalmente e por fim no céu, do amor a derradeira linha



dois poemas de

## José Carlos Costa Marques

Nasceu no Porto em 1945. Foi professor, tradutor, assessor editorial e editor. Fundou com Carlos Leite, Jorge Vilhena Mesquita e Manuel Resende, em 1996, a série DiVersos – Poesia e Tradução, de que é editor e coordenador. Títulos de poesia publicados e nomes de autor utilizados: José Carlos Marques, *Sétimo Outubro de Guerra*, Porto, 1968, Edição do Autor; *Vinte e Quatro Vezes vezes Maio*, Porto, 1969, Edição do Autor, policopiada; *Breve Luz Nos Morde*, Lisboa, 1970, Edição do Autor; José Carlos Costa Marques, *Investigação da Alegria*, Porto, 1989, Edições Afrontamento; Aurélio Porto, *Flor de Um Dia*, Porto, 2009, Edições Sempre-em-Pé; *Safra do Regresso*, Porto, 2011, Edições Sempre-em-Pé; *Rasto de Naufrágio*, Porto, 2012, in DiVersos – Poesia e Tradução n.º 17. No prelo: José Carlos Costa Marques, *Uma Voz Entre Vozes*, Porto, 2016, Edições Afrontamento, de que são extraídos os dois poemas seguintes. Em preparação: *Fornalha de Inverno*, inédito.

\*

*para Afonso Cautela*

Entramos o portão do tapado A serra ergue-se devagar frente  
a nós]

Vindos da cidade como tantas vezes

A primeira inalação de ar Sentimos bruscamente a mudança  
Higienizados Desratizados Desbaratizados  
Aqui onde há ratos Insetos Onde os líquenes se agarram aos  
truncos]

Outrora o ar da cidade fez-nos livres

Que são hoje cidades Livres de quê Quem os prisioneiros

Amarrados aos abastecimentos Aos engarrafamentos  
Abalroados pelo excesso

É livre ainda o ar da serra  
A caminho da montanha Abrigo como sempre de eternos  
rebeldes Prófugos]

Perseguidos

O que nos persegue

A liberdade de sermos sós De sair da formatura Do látego  
Pensar que ainda podemos pensar o impensável  
O que só nós pensamos

*Tapado das Belgas, Folhada,  
Marco de Canaveses, 7 de novembro de 2010*

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



um poema de

## Luís Quintais

Luís Quintais nasceu em 1968. É poeta, ensaísta, antropólogo e professor junto da Universidade de Coimbra. Publicou onze livros de poesia: *A imprecisa melancolia* (1995), *Lamento* (1999), *Umbria* (1999), *Verso antigo* (2001), *Angst* (2002), *Duelo* (2004), *Canto onde* (2006), *Mais espesso que a água* (2008), *Riscava a palavra dor no quadro negro* (2010), *Depois da música* (2013), *O vidro* (2014) e *Arrancar penas a um canto de cisne. Poesia 2015-1995* (2015). Como poeta, foi distinguido com os prémios Aula de Poesia de Barcelona, PEN Clube Português, Prémio Fundação Luís Miguel Nava, Prémio Fundação Inês de Castro e Prémio António Ramos Rosa. A sua página pessoal na web pode ser encontrada em: [luisquintaisweb.wordpress.com](http://luisquintaisweb.wordpress.com)

## ESSE CANTO ESCURO

I

Inadaptados, caminhamos na cidade,  
Ílion rediviva,

nitidez de arranha-céus  
em vagas desabando,

muros de cinética desabrida,  
incorrigível colapso.

Inadaptados, tudo em nós é inadaptação.  
Sob os nossos passos,

Ílion parece silenciosa e sem lembrança,  
e em torno há uma ecologia de cuidados

e atributos sublimados,  
uma civilização mortuária, em decomposição.

II

O medo e o seu significado evolutivo  
a comer olhos, coração, vísceras,

a devoração fazendo e desfazendo.

O medo, sobrevivência

da nossa errância antiga  
de predadores perfeitos, ainda nos fere.

Como um homem que desata a correr  
atrás de um outro que, em fuga,

assiste à inexorável proximidade  
do seu fim, assim estamos nós

correndo e vendo correr, e o medo  
é o mestre sem métrica

dos gestos agramaticais.  
Ele exige desvelo permanente.

Ele devolve-nos esse canto escuro.  
Ele diz o nosso nome

e não o ouvimos – um grito é tudo o que ouvimos.  
Ele define a sua sombra

na turva superfície líquida  
da nossa mente, definindo-nos

límbica, dolorosamente.  
Lutamos com as paredes dessa casa.



dois poemas de

## **Miguel-Manso**

Miguel-Manso (Santarém, 1979) é poeta com nove livros publicados desde 2008. Além das edições de autor, faz parte do catálogo das editoras Tinta-da-China, Relógio D'Água, Mariposa Azul, Artefacto, Trama Livraria.



## A RITA TROUXE

Alice Coltrane para dentro de casa  
o que puxou de mim umas lágrimas estalactíticas  
que ninguém viu ou secou

o Outono acercou-se  
as silvas tomaram ainda mais conta do muro as tardes  
encarvoaram à sombra dos trovões

a Rita emagreceu  
foi embora e regressou outras vezes  
recortava sempre e colava uns desgostos de papel  
sentada à mesa da cozinha  
e a harpa era uma meditação negra por dentro da casa toda  
mesmo no baixinho da noite

enquanto o sono pendulava entre  
a apneia e o anapana  
no contíguo dos quartos  
onde nos aquietámos distantes do tempo irreflectido  
do tempo tão luzente

o tempo granizado das caipirinhas

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



cinco poemas de

**Nuno Dempster**

Nuno Dempster nasceu em Ponta Delgada, tem um livro de contos e oito de poesia publicados, com colaboração dispersa por revistas e jornais.

## AURÉOLAS

*“Vous devriez au moins faire afficher cette auréole,  
ou la faire réclamer par le commissaire.”*

*Charles Baudelaire*

Não há muito, o tempo tornou-se por instantes uma abstracção convulsa, recuou, o vento adquiriu um uivo neogótico, e um apagão geral submergiu nas trevas metade do planeta. O asfalto das avenidas regrediu para o antigo alcatrão, e este, para o macadame, e, como chovia sem cessar, as avenidas tornaram-se canais de lama. Estavam criadas as circunstâncias que, sem espanto, permitiram o regresso fantástico do poeta. Vinha pedir contas de uma publicação. Que vou fazer agora da minha auréola, perguntava-se. Só há uma saída, pensou, obrigar que ela me caia na lama. E, mal assim procedeu, ouviu-se um grande lamento. O fulgor da aura – a grande aurora – tinha-se apagado de vez, mergulhando em escuridão as cidades do século XXI.

## SURFISTAS

São três. Chegaram à esplanada  
 e aguardam  
 que a maré encha um pouco.  
 Parecem deuses frívolos ao sol.  
 Falam de *surf*, marcas, campeões,  
 desprezam uns, exaltam outros,  
 mas não discutem,  
 importante é o mar,  
*A Vaga* de Hokusai  
 suspensa à cabeceira  
 se acaso a conhecessem.

A conversa do *surf* é circular,  
 a monorrima cansa,  
 bate sempre onde acaba,  
 um disco de vinil riscado.

Já não os ouço,  
 o mar é vasto, extenso o areal,  
 a brisa solta, e escrevo  
 o que suponho ser assunto deles:

*Noutro tempo não era assim.  
 Se havia as mesmas ondas,  
 não existiam pranchas  
 nem mesas de esplanada.*

\*

*Havia tascas  
onde a manhã chegava  
com homens a roncar de bêbedos.*

\*

*Vivemos noutra idade,  
não podemos queixar-nos.*

\*

*Fecharam as tabernas todas  
e no Casal Ventoso de hoje  
florescem açucenas.*

(Não tardará que, ilesos,  
pareçam três golfinhos.)

## A UM AMIGO

Não a chores, como é vulgar  
aos vinte e poucos anos,  
nem tentes escrever poemas.  
Deste-lhe as tuas mais longas insónias,  
elevaste o teu sexo  
à qualidade etérea do impalpável,  
choraste, sem saber, o tempo  
que não dormiste ao lado dela  
e quiseste ter filhos seus  
na longa translação da terra,  
o tempo circular  
que vias repetir-se na cidade.

Há-de chegar o dia em que o seu vulto  
desfile no horizonte  
com o de outras mulheres que amaste,  
alheias porque assim terá de ser  
a tua juventude ao longe.

## DIFERENÇA

É claro que o seu corpo nu seria  
lindo, se já o é sob o vestido.  
No entanto, há qualquer coisa que não tem  
para que o ache perfeito.  
A cama, o fim da cama é que lhe falta,  
e também a manhã seguinte,  
e os dias que virão, e os anos, e outro ser.



conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



quatro poemas de

## Pedro Jubilot

Pedro Jubilot (Olhão, 1964)

Editou fanzines, webzines e outras folhas volantes.

Em 2001 foi vencedor do concurso 'Micro-contos de Natal' do jornal 'Público' com «Visita».

Em 2012 publicou mensalmente no 'Cultura.Sul' (Postal do Algarve) a colectânea «Contos na Ria Formosa».

«Postais da Costa Sul», o seu primeiro livro, serviu de mote para criar a editora CanalSonora, em 2013.

Publicou o conto «Alma» pela editora 4Águas, em 2015.

O seu último livro é «Telegramas do Mediterrâneo» (CanalSonora, abril 2016).

| lagos. algarve, portugal |

francisco, no dia da revolução  
andava em lisboa de megafone na mão.  
quantas palavras importantes  
centradas na liberdade terá dito?

mas a liberdade é sempre efémera,  
e palavras ditas mesmo alto e bom som  
para muita gente, leva-as sempre o vento.

já todos ouvimos alguém gritar esta verdade!

sophia, no mesmíssimo dia,  
na primavera já inteira e limpa de lagos  
e apenas munida de lápis, escreveu-as,  
palavras livres eternizadas na substância do tempo

da voz do mar irrompia o marulho da esperança  
enquanto esperava em silêncio a madrugada azul  
junto à janela da liberdade, o início...

já todos lemos o nome das coisas?

| manchester. north west, england |

eu não seria sincero, nem estaria a dizer a verdade  
se dissesse que nunca te amei ou que te odeio ou esqueci.  
e isso já foi há tanto tempo, que se passares por mim  
agora, nem te devo reconhecer

quando te admiro nas folhas dos álbuns és  
como outro alguém de quem eu me lembro apenas  
como se tivesse já morrido, no entanto

sei que existes por aí mesmo se já não te quero ver,  
já não quero saber. o tempo serve a libertação do querer,  
apesar de tudo o que vem depois do desejo da eternidade

como toda a gente que um dia ouviu the smiths  
tem saudades das canções deles. foi isso que amei  
e isso basta-me. ambos sabemos que (como nós)  
esta é a única banda que nunca jamais se reunirá

| raz de sein – bretagne – france |

o faroleiro maldito de tévennec, que quer ele?  
do mar encrespado, selva de águas, deserto rochoso  
não lhe chegaram já duas vidas infernais anteriores  
para agora se lançar incólume, mas exasperado  
sobre a inclassificável ilha, artifício para um fim de mundo

na costa yann tiersen tenta pedalar contra o vento  
muscular a barriga das pernas, enrijecer os abdominais  
enquanto inspirado nessa visão tempestuosa da rebentação  
esparge nas ondas cerebrais as notas a inscrever  
numa nova pauta grafada para um mundo mais terno

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



poemas de

## Rafael Courtoisie

**Rafael Courtoisie**, Montevideo – Uruguai, 1958, é autor de uma vasta obra, não apenas poética.

Ao seu livro **Parranda** foi atribuído o *XIV Premio Casa de América de Poesía Americana*, em 2014.

Em 2016 publicou **Ordalía**.

tradução de

## Francisco José Craveiro de Carvalho

Francisco José Craveiro de Carvalho nasceu em 1950. Foi matemático, escreve poesia e traduz. Entre os poetas que traduziu estão Neil Curry, Jane Hirshfield, David Lehman & Aram Saroyan.

## VIDRIO, ALDABA

### 1

Deshoja un vidrio. Cuenta cuántos  
pétalos transparentes  
tiene una flor tan dura.

Deshójalo. Quiébralo. Desliza  
tus venas por el tallo. Entre los filos.

Te inundará la luz, la savia  
del vidrio libre  
de la flor quebrada.

### 2

Las aldabas no se deshacen.

Son flores recias como el tiempo.  
El mundo está detrás.  
Llama.

Penetra.



## VIDRO, ALDRABA

### 1

Desfolha um vidro. Conta quantas  
pétalas transparentes  
tem uma flor tão resistente.

Desfolha-o. Quebra-o. Desliza  
as veias pelo caule. Entre os gumes.

A luz invadir-te-á, a seiva  
do vidro solto  
da flor desfeita.

### 2

As aldrabas não se desfazem.

São flores fortes como o tempo.  
O mundo está por detrás.  
Bate.

Entra.

## DE MÚSICA PARA SORDOS

\*

Un sordo compró una yegua.  
– Es mi guitarra – decía.  
Las crines eran las cuerdas.

\*

Un pozo cayó en un hombre.  
un día es un río sin agua  
un año el océano.

\*

Piernas que van hacia atrás  
pies y zapatos que vuelven.  
Los sonidos olvidan la oreja.  
Las palabras retornan a la lengua.

\*

Un hombre ve una foto.  
Se toca la cabeza:  
– Duele cuando recuerdo.

## DE MÚSICA PARA SORDOS

\*

Um surdo comprou uma égua.  
– É a minha guitarra – dizia.  
As crinas eram as cordas.

\*

Um poço caiu num homem.  
Um dia é um rio sem água  
um ano é o oceano.

\*

Pernas que andam para trás  
Pés e sapatos que regressam.  
Os sons esquecem a orelha.  
As palavras voltam à língua.

\*

Um homem vê uma fotografia.  
Toca na sua cabeça:  
– Dói quando me lembro.

\*

Una camisa llora sin mangas  
un pantalón camina en lo oscuro  
un cinturón de serpiente lo sostiene.

\*

Un año dura días  
un minuto se estira siglos  
y en la gota del verano indemne  
la luz es eterna.

\*

Música para sordos, piedras de largo cabello.

## OBJETOS DE SILENCIO

En una reunión, en medio de la conversación animada cae, de pronto, una piedra invisible que provoca la interrupción del diálogo. Los rostros se miran incómodos y alguien carraspea.

La tensión dura apenas segundos, hasta que alguien decide recoger el objeto y reanudar el diálogo con una frase común. Pero en la habitación queda una marca indeleble que las palabras no pueden ocultar.

\*

Uma camisa chora sem mangas  
umas calças caminham na escuridão  
um cinto de pele de cobra segura-as.

\*

Um ano dura dias  
um minuto alonga-se por séculos  
e a luz é eterna  
na gota do verão incólume.

\*

Música para surdos, pedras de cabelo comprido.

## OBJECTOS DE SILÊNCIO

Numa reunião, no meio da conversa animada cai, de repente, uma pedra invisível que causa a interrupção do diálogo. Os rostos olham-se desconfortavelmente e alguém tosse.

A tensão dura segundos apenas, até alguém decidir recolher o objecto e retomar o diálogo com uma frase vulgar. Mas na sala fica um sinal indelével que as palavras não conseguem esconder.

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impresa



um poema de

## Rosa Alice Branco

Rosa Alice Branco é poeta, ensaísta e investigadora, tradutora, com um Ph.D. em Filosofia.

Dirige a colecção de publicações em livro – Design e (cujo primeiro livro saiu em Junho de 2014).

Publicou livros de ensaio: *A percepção visual em Berkeley, O que falta ao mundo para ser quadro*, tendo saído em 2009, no Brasil, *A condição secreta do visível – ensaio sobre a percepção na natureza e nas artes*.

Tem livros de poemas publicados em Itália, Brasil, Suíça, Luxemburgo, Canadá, Tunísia, Espanha, Venezuela (obra reunida) e Córsega. Em Portugal, publicou 12 livros de poesia, incluindo a sua obra poética reunida *Soletrar o Dia* (2002), tendo ganho, em 2008, o prémio EspiralMaior de Poesia com *Gado do Senhor*, publicado também em Portugal em 2011, a que se seguiu *Concerto ao Vivo* em 2012. Em 2013 ganha o prémio de Tradução Internacional da Colectividade da Córsega, pelo livro que organizou, traduziu e intitulou *E se puséssemos azulejos em verso?*

Participou em inúmeros Festivais Internacionais de Poesia e publicou em Revistas nacionais e estrangeiras, como Espanha, França, Estados Unidos da América, Rússia, Macedónia, Alemanha, Tunísia, Córsega e Letónia. Foi a poeta escolhida por um júri internacional para representar Portugal nas Olimpíadas da Poesia em Londres (2012), no “Parnassus Poetry Festival”.

Ainda em 2013, é nomeada para o prestigiado prémio literário – Pushcart Prize – concedido ao melhor trabalho em Poesia, ou Ficção, publicado em 2012 nas Revistas Literárias nos USA.

No final 2016, o livro *Cattle of the Lord* será publicado nos USA, pela Editora Milkweed.



## A GASTRONOMIA E A POESIA ESTÃO NA MODA

### 1. Menu: SEDA ESVOAÇANTE AU VENT

Espuma de marisco em barquinhos de avelã  
*Consomé al jerez* em slogan de galinha

Cocktail de camarão com manga-de-alpaca  
Medalhões de acelgas bem delgadas  
Ovas de peixe-galo em flor de hibisco

Tríade de cogumelos em chapéu com aba  
Filé de bacalhau com mel e rabanete raso  
Tortura de salto de robalo em agulhas de arroz domesticado.

Miniaturas de vitela em capeline de verduras ao gengibre  
*Vol-au-vent* de faisão com saia rodada  
Rosbife em tríade de queijos engomados.

Gelado de lima com tule de bolacha  
Farólias com creme de veludo  
Mousse de *after eight* ou precisamente nine pespontos  
Canillas recheadas de *ricotta* e entretela  
E no inverno Tarte Tatin de cachemira  
com meia gola abotoando o espaço.

## 2. Menu: PATCHWORK FOR FUN

Turbante de mariscos salteados  
Saia verde azeitona recheada de pimentos  
Cocktail de crustáceos prateados  
Blusa com manga em mescla de texturas  
Adeus às pontas espigadas  
dos espargos de preferência verdes

Túnica e salmão selvagem  
Açorda de marisco em capa de pão centeio  
Gratinado de legumes em tons tímidos  
E bacalhau albardado à moda da estação

Salsicha alemã envolta em repolho fermentado  
Queques de alheira com saiote de massa filó  
Gabardina posta para a chuva arouquesa  
Bifinhos ao molho de pimenta em *passerelle*  
Crepe com morangos deliciosamente cingidos na cintura  
Corpete com varas batidas em *chantilly*  
Top de lima em musselina  
Bavaroise branco-gelo com manto de chocolate  
Bolo *chiffon* de baunilha estampada  
Saia rodada em tonalidades fulgurantes de frutos vermelhos  
Gargantilha de cereja e de rubi,

Porque há gente que só tem é gargantilha.

### 3. Menu: LOOK PARA COCKTAIL

Casaco: algodão doce declinando sobre os ombros nus

Vestido: Organza bordada a sementes de sésamo

Cinto: romaria de cores atravessando o chantilly floral

Luvax: transparência de líchia desenhando a alegria rutilante das mãos

Bolsa: *pochette* levemente damasco acetinado

Sapatos: brilho etéreo de creme enraçado em nuvens de farófia

Tiara: radiante de figos e safiras

Lábios: o brilho suave da gama *gloss* baunilhado

Perfume: infusão jasmim sugerindo a irreverência do pescoço

Look: caviar com borboletas florindo de *champagne* em *champagne*

### 4. Menu: HAUTE COUTURE

Worth, delicioso pioneiro da *Haute*,

Reviravolta no universo da moda,

Um plus de glamour e tanta inovação!

Mas é de Rendfert o *tailleur* feminino

Liberdade de gestos na regata de Cowes.

Em Poiret a identidade constrói-se

com a moda o teatro e o ballet,

Turbante Sherazade:

A cabeça de Denise conta histórias.

Elsa Sciaparelli surrealiza as peças:  
Vestido negro ornado de costelas  
Luvas com as suas unhas bordadas  
Chapéu em forma de sapato  
Vestido branco lagosta à la Dali.

Chanel é simplesmente chique  
Veste Dietrich, Greta Garbo e a Swanson  
com o inesquecível N.º 5  
Marilyn e gotas de eternidade  
na diva loira e no perfume:  
Os sonhos tingem toda a gente.

Dior traz o New Look.  
O *business* da *Haute Couture*  
com laboratório de criatividade.  
Nasce o prêt-à-porter de luxo  
E com Weill o pronto-a-vestir:  
Ah! Cores *flambées* por todo o lado.

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



cinco poemas de

**Rui Tinoco**

Rui Tinoco, bracarense a viver no Porto, dispersou vários poemas e outros textos literários em diversas revistas materiais e electrónicas. Em 2011 publicou o seu primeiro livro de poesia intitulado *O Segundo Aceno*. Em 2013 veio a lume o projecto *Era Uma Vez o Branco*. Seguiu-se o projecto a quatro mãos *Causas da Decadência de um Povo no seu Lar* (2015).

Mantém os blogues *Ladrão de Torradas* e *Psicologia, Saúde & Comunidade*.

## INFÂNCIA & ESQUECIMENTO

### I.

a infância é a mãe  
de nós mesmos, a maternidade  
da nossa história. recordo, porém,  
a subida do caminho  
perigoso: «todos os meninos  
têm de ir de mãos dadas!»,  
e não tem rosto a criança  
que comigo faz par, nem  
existe destino para onde  
nos dirigirmos. (o esquecimento  
é o pai de nós mesmos).

### II.

o passeio durante a escola  
primária, o cuidado extremo  
da professora. (não se sabe  
ao certo o motivo da recordação  
perdurar tão claramente na  
memória do autor). eis que,  
a dado momento biográfico,  
crê-se que no período verde,  
esse episódio foi motivo de poema.  
o texto encontra-se hoje catalogado  
folio 13, prateleira 9, para fácil  
consulta de todos os interessados.

## ENSAIOS SOBRE O NÃO

### I.

em vez dos meus braços  
preferiste abraçar o não:  
«a vida não está para graças»,  
«as emoções não vêm em  
boa altura». eis as frases  
banais com que pretendeste  
tornar-te invisível. terás  
alguma vez sucesso agora  
que estás exposta, eu diria:  
«quase nua», a meio do  
texto?... pode também dar-se  
o caso de nunca te libertares  
desse não. (no fundo,  
não te desejo isso).

### II.

mais contributos para o estudo  
do não: a mulher ergue-se  
do banco, o homem fica  
sentado. (as mãos vazias como  
capítulos nunca escritos).  
como seriam essas histórias  
do futuro impossível? as recordações  
em sangue rasgam milhares  
de páginas. é, por isso, bastante  
difícil qualquer narração.



\*

guiava o meu automóvel  
na teia noturna da cidade  
quando subitamente surgiu-me  
o verso: «o que se ergue  
no inverno». pensei imediatamente  
em fazer a nota para depois  
descobrir o texto correspondente.  
de que forma se faz assim  
a criação? afinal é outono  
não existe texto algum, mas  
algo a construir, isto é se o conseguir,  
pois o cansaço, a presença da vida,  
impõem frequentemente outros compromissos.  
(hoje não tive mesmo disponibilidade para  
a escrita).

\*

a vontade é a cor que se dá  
à personagem: algo que vem  
das letras para surpresa  
do branco. (é todo um teatro  
tecido a palavras). a magnificência  
e o ludíbrio bem compostos  
no texto. (o dito do protagonista  
foi feito com a minha mão).

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa



quatro poemas de

## Sandra Costa

Sandra Costa nasceu em S. Mamede de Coronado, concelho da Trofa, a 11 de Setembro de 1971. Licenciada em *História, Ramo Educacional*, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1994), possui o Mestrado em *História Contemporânea* (2006), sendo professora de História do Ensino Básico e Secundário desde 1993.

Tem quatro obras de poesia publicadas: *Sob a luz do mar*. Porto: Campo das Letras, 2002; *Nada se sabe das profundezas*. Porto: In-libris, 2003; *Nenhuma Flor. Oito imagens e o dizer dos lábios*. Belgais e In-libris, 2004 e *A vocação dos homens silenciosos*. Maia: Cosmorama, 2006.



Misha Burlatsky, *Balance*, s/d

## STILL LIFE #1

O elemento que sobressai é o equilíbrio. E no entanto, as sombras estão dispostas como se não fossem sombras mas apenas o tempo que resta quando entre a palavra e o esquecimento se instala a penumbra ou a solidão. Quanto à mesa de madeira, quase perfeita, é um lugar ligeiramente à esquerda para que a inclinação da flor sobrasse uma margem de inquietude sobre essa vida que não existe.



Kristoffer Albrecht, 2009

## STILL LIFE #2

Enquanto durar o poema, no gargalo  
da garrafa a Primavera permanece intacta.  
O ramo da cerejeira suspenso num  
desfiladeiro de vidro cria duas margens  
de água mas ali não há milagres e a  
transparência que resiste dobrar-se-á  
em breve num lugar estagnado,  
talvez sagrado, onde a natureza morre  
e um poema acaba.



Kristoffer Albrecht, 1986

### STILL LIFE #3

A maçã no parapeito da janela, com as folhas que ainda há pouco morriam na árvore dobradas sobre o silêncio perplexo da espera, é a demonstração de que o rigor do Inverno nem sempre encontra a casa como se esta fosse uma ilha. Por vezes, a respiração das sombras, no percurso entre dois sintomas da fragilidade do mundo, deixa que nas vidraças se forme uma clareira e por ali se pressintam outros medos outras pausas para além da constelação de gelo que tudo cobre, impotente como um pálio.

conteúdo  
exclusivo  
da versão  
impressa





## posfácio

«Tísicos! Doidos! Nus! Velhos a ler a sina!  
Etnas de carne! Jobs! Flores! Lázarus! Cristos!  
Mártires! Cães! Dálias de pus! Olhos-fechados!  
Reumáticos! Anões! Delíriums-trémens! Quistos!  
Monstros, fenómenos, aflitos, aleijados,  
Talvez lá dentro com perfeitos corações:  
Todos, à uma, magem roucas ladainhas,  
Trágicos, à uma, magem roucas ladainhas,  
Trágicos, uivam «uma esmolinha plas alminhas  
Das suas obrigações!»  
Pelo nariz corre-lhes pus, gangrena, ranho!  
E, coitadinhos! fedem tanto – é de arrasar...»

ANTÓNIO NOBRE  
do poema *Lusitânia no Bairro Latino*

# Índice

- 3 ..... Prelúdio
- 5 ..... **Amadeu Baptista**
- 6 ..... LUDWIG VAN BEETHOVEN, ÚLTIMA FUGA
- 13 ..... **Aram Saroyan** (*trad. Francisco José Craveiro de Carvalho*)
- 14 ..... *PARIS*
- 15 ..... *PARIS*
- 16 ..... *8/12/09*
- 17 ..... *12/8/09*
- 18 ..... *PORTRAIT*
- 18 ..... *8/13/09*
- 18 ..... *FOR RICHARD BRAUTIGAN*
- 19 ..... *RETRATO*
- 19 ..... *13/8/09*
- 19 ..... *PARA RICHARD BRAUTIGAN*
- 20 ..... **Eduardo Bettencourt Pinto**
- 21 ..... *A VIÚVA DA ÁGUA*
- 22 ..... *VINHO*
- 22 ..... *PERCURSO*
- 23 ..... *OFÍCIO DE PROCURA – RETRATO DE BORGES*
- 25 ..... *SETEMBRO*
- 26 ..... **Eduardo Quina**
- 27 ..... [*COMEÇAR A MORRER*]
- 31 ..... **Filipa Leal**
- 32 ..... *CASA-MUSEU*
- 33 ..... **Francisco Cardo**
- 34 ..... *CULTO*

- 34 ..... .CONTRADIÇÃO
- 35 ..... INTROSPECÇÃO
- 36 ..... CÁLICE
- 37 ..... **João Rasteiro**
- 38 ..... BRANCO & PRETO
- 40 ..... **Jorge Batista de Figueiredo**
- 41 ..... LIÇÕES DE DESPERTAR E AMAR
- 42 ..... **José Carlos Costa Marques**
- 43 ..... [Entramos o portão do tapado...]
- 44 ..... [Alegria suprema é estarmos vivos na carne]
- 45 ..... **Luís Quintais**
- 46 ..... ESSE CANTO ESCURO
- 48 ..... **Miguel-Manso**
- 49 ..... A RITA TROUXE
- 50 ..... A RITA TROUXE TAMBÉM
- 51 ..... **Nuno Dempster**
- 52 ..... AURÉOLAS
- 53 ..... SURFISTAS
- 55 ..... A UM AMIGO
- 56 ..... DIFERENÇA
- 57 ..... VONTADE
- 58 ..... **Pedro Jubilot**
- 59 ..... | lagos. algarve, portugal |
- 60 ..... | manchester. north west, england |
- 61 ..... | raz de sein – bretagne – france |
- 62 ..... | montmartre. paris. france |
- 63 ..... **Rafael Courtoisie** (*trad. Francisco José Craveiro de Carvalho*)
- 64 ..... VIDRIO, ALDABA

- 65 ..... VIDRO, ALDRABA
- 66 ..... *DE MÚSICA PARA SORDOS*
- 67 ..... DE MÚSICA PARA SORDOS
- 68 ..... *OBJETOS DE SILENCIO*
- 69 ..... OBJECTOS DE SILÊNCIO
- 70 ..... *NOÉ REVISITED*
- 71 ..... NOÉ REVISITED
- 72 ..... **Rosa Alice Branco**
- 73 ..... A GASTRONOMIA E A POESIA ESTÃO NA MODA
- 78 ..... **Rui Tinoco**
- 79 ..... INFÂNCIA & ESQUECIMENTO
- 80 ..... ENSAIOS SOBRE O NÃO
- 81 ..... [guiava o meu automóvel]
- 81 ..... [a vontade é a cor que se dá]
- 82 ..... HOMENAGEM
- 83 ..... **Sandra Costa**
- 84 ..... STILL LIFE #1
- 85 ..... STILL LIFE #2
- 86 ..... STILL LIFE #3
- 87 ..... STILL LIFE #4
- 89 ..... posfácio



*Nesta edição:*

Amadeu Baptista

Aram Saroyan (*trad. de Francisco José Craveiro de Carvalho*)

Eduardo Bettencourt Pinto

Eduardo Quina

Filipa Leal

Francisco Cardo

João Rasteiro

Jorge Batista de Figueiredo

José Carlos Costa Marques

Luís Quintais

Miguel-Manso

Nuno Dempster

Pedro Jubilot

Rafael Courtoisie (*trad. de Francisco José Craveiro de Carvalho*)

Rosa Alice Branco

Rui Tinoco

Sandra Costa



**Eufeme**  
magazine de poesia

edição n.º 2 (janeiro/março 2017)